

A RUA E A AFETIVIDADE^I

João Gabriel de Andrade Maffezoli^{II}

Zuleica Pretto^{III}

Resumo: População em situação de rua diz respeito a grupos de pessoas em estado de vulnerabilidade e exclusão social, que sofre violação e privação de seus direitos. Não há como negar que a exclusão social perpassa a vida das pessoas que estão em situação de rua, entretanto, cabe a Psicologia ressaltar que a rua não se resume apenas a um espaço onde a desigualdade social se evidencia. A presente pesquisa teve como objetivo principal compreender como as pessoas em situação de rua vivenciavam a afetividade em seu cotidiano, com destaque as características dos vínculos afetivos que estabeleciam em seu cotidiano, às suas concepções sobre afetividade e as decorrências da afetividade em suas vidas, conforme seus pontos de vista. O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, sendo a sua natureza definida como qualitativa com corte transversal e o seu delineamento definido como estudo de campo. Para efetuação do campo contou-se com observações participantes na rua, entrevistas semiestruturadas com pessoas em situação de rua e com o diário de campo. A partir dos dados de análise, a afetividade para pessoas em situação de rua aparece como fator presente em seu cotidiano mediado pela interação social com o outro. Pode-se perceber que o cuidado com o outro, o respeito, ajudar e amar o próximo foram aspectos centrais que caracterizaram o sentido de afetividade para as (os) interlocutoras (res).

Palavras-chave: Afetividade. Pessoas em Situação de Rua. Relações sociais. Psicologia Social.

1 INTRODUÇÃO

As pessoas em situação de rua são um grupo de pessoas em estado de vulnerabilidade e exclusão social, que sofre violação e privação de seus direitos. Elas podem ser definidas segundo o Decreto nº 7.053 de 23 de dezembro de 2009 como:

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009).

^I Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2019

^{II} Acadêmico do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: endereço de e-mail do Autor do Artigo.

^{III} Doutora em Psicologia – Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

Conceituar pessoas em situação de rua é algo amplo e complexo. A utilização desse termo é mais recente do que aos conceitos anteriores como por exemplo, “morador de rua”. Para Silva (2006), a substituição das antigas terminologias, que remetiam a todo o estigma com a população de rua, aconteceu nas últimas três décadas. A alteração destes termos tornou-se necessária principalmente ao fato de que eles remetiam a uma associação da vida na rua com a criminalidade. Podemos perceber que ao tentarem caracterizar as pessoas em situação de rua, foram sendo utilizados diversos atributos que reforçavam o estigma da sociedade com essas pessoas. De acordo com Sicari (2018), as definições relacionadas a população de rua apresentam um caráter negativo e ao reduzir essas pessoas com essas definições, evidenciando a privação e a falta de benefícios, reduzem-nas em ausências e inexistências. Torna-se necessário compreender que a constituição desse grupo populacional é multifacetada, de acordo com a singularidade de cada sujeito e a sua história de vida.

O fenômeno população de rua é algo presente em nosso cotidiano. Em 2016, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizou o estudo “Estimativa da população em situação de rua no Brasil”, onde utilizou como base de dados o Censo do Sistema Único de Assistência Social (Censo Suas), que abrangia 1.924 municípios. Segundo resultado desse estudo, estima-se que existiam em 2015 cerca de 101.854 pessoas em situação de rua no Brasil (IPEA, 2016).

Com relação às pessoas em situação de rua de Florianópolis, foi realizado em 2017 pelo ICOM (Instituto Comunitário Grande Florianópolis) em parceria com o MNPR-SC (Movimento da População em Situação de Rua de Santa Catarina), um diagnóstico social participativo a fim de compreender as necessidades e particularidades da população de rua da Grande Florianópolis. Segundo dados da pesquisa, existem 937 pessoas em situação de rua na Grande Florianópolis, sendo 727 homens, 192 mulheres e 15 pessoas sem gênero. Dentre essas pessoas, 47% se declaram brancas e 45% negros e pardos; 5% das pessoas entrevistadas têm até 29 anos, 65% tem de 30 a 49 anos e 30% tem mais que 50 anos de idade. A maior parte da população de rua da Grande Florianópolis é formada por trabalhadores, pois 70% exerce atividade remunerada, sendo as atividades informais as mais comuns, como construção civil, flanelinha, vendedor ambulante e catador de recicláveis. Com relação aos vínculos afetivos, 41% dos entrevistados responderam que não possuem nenhum vínculo familiar ou afetivo, vivendo sozinhos nas ruas sendo que apenas 35% relataram ter contato com filhos e companheiros (as).

O crescimento da exclusão social está ligado a diferentes fatores, como o avanço do modelo capitalista, a ascensão das políticas neoliberalistas e o processo de urbanização

acelerado (PAIVA et al., 2016), sendo cada vez maior o número de pessoas que sofrem a privação e violação dos seus direitos básicos, como a educação, saúde, trabalho e moradia. Nesse sentido, segundo Alcantara et al (2015), a exclusão social é um processo amplo e complexo e, quando pensada além do seu contexto econômico, pode ser compreendida como um processo multifacetado, envolvendo aspectos de vulnerabilidade, ruptura de vínculos socioafetivos no âmbito familiar e comunitário, das representações socioculturais e da própria cidadania. Deste modo, para compreender sobre a situação da rua, deve-se levar em conta todas as decorrências da exclusão social, ampliando a discussão para outros aspectos relacionados a vida desses sujeitos e, inclusive a partir do ponto de vista dos próprios sujeitos, aspecto considerado fundamental nessa pesquisa, que pretende conhecer o que os sujeitos pensam em relação a afetividade no contexto da rua.

O sofrimento gerado por essa exclusão social deve ser problematizado de forma que a necessidade de se atuar junto a essas populações na luta pela garantia de direitos torna-se fundamental. Nesse sentido, Sawaia (1999) discorre acerca do sofrimento ético-político (físico-emocional), um sofrimento de ordens da injustiça, do preconceito e da falta de dignidade. Dessa forma falar de sofrimento e de felicidade no âmbito da exclusão torna possível superar a ideia de que a vida do pobre é somente a sobrevivência, considerando apenas os aspectos mais básicos, como por exemplo, a fome, e esquecendo-se do sujeito como um todo, um ser biopsicossocial. Assim, trabalhar a práxis ético-política, citada por Sawaia (2005), é fundamental a fim de se potencializar os afetos sentidos e vividos.

É importante salientar que a afetividade é mediada pelas relações entre o sujeito e a sociedade. Nesse sentido, a noção de afetividade nesse estudo está pautada em uma perspectiva vygostkyano-espinosana, a partir de autores como Chauí (1993), que compreende a vida afetiva como “a maneira pela qual a mente interpreta a vida de seu corpo e sua própria vida, inadequada ou adequadamente”; de Sawaia (1999), que ressalta a importância da afetividade para estudar a exclusão e a constituição do sujeito; e de Brandão (2010), que em consonância com as autoras supracitadas, apresenta a afetividade como ética e política, sendo impossível de ocorrer sem a presença do outro a partir dos bons encontros.

Para buscar uma maior compreensão sobre o tema, foram acessadas as publicações em periódicos referidos nos bancos de dados SciELO, Pepsic e CAPES, no mês de maio de 2019. Foram utilizadas as palavras-chave “Situação de Rua” e “Afetividade” juntas, para identificar as publicações que abrangem os dois temas propostos em estudos publicados nos últimos 20 anos, sendo o resultado encontrado de apenas 8 artigos, na base da CAPES. Dos oito artigos encontrados, quatro eram da área Psicologia (BARBOSA, CASTANHO, 2016; SILVA, LIMA,

2012; SOUSA, MAIA, VASCONCELOS-RAPOSO, 2011; RAMALDES, AVELAR, TRISTÃO, 2016) sendo o restante de outras áreas como Antropologia (LEMÕES, 2014), Geografia (SOUZA, BERNARDES, 2017), Enfermagem (SILVA ET AL, 2014) e um multiprofissional (MAYER ET AL, 2014). Dentre esses artigos, apenas um artigo foi selecionado (SILVA, LIMA, 2012), sendo os outros artigos descartados por não ter relação com o tema desta pesquisa, pois as pessoas em situação de rua e/ou afetividade foram apenas citados nos estudos e não como o assunto principal abordado.

No artigo selecionado de Silva e Lima (2012), foi realizada uma pesquisa que relatou a história de vida de adolescentes que estavam em situação de rua, tendo como objetivo analisar o processo de exclusão social e a situação de rua dos adolescentes atendidos no Núcleo Albergue João XXIII. As autoras destacaram a afetividade sendo uma categoria teórica e prática relevante para a Psicologia Social permitindo desenvolver reflexão sobre a exclusão e a situação de rua, reconhecendo-a como fenômeno socialmente construído, sendo então, possível de mudar.

A falta de diversidade na produção científica, mostra a necessidade de ampliar os campos de pesquisa da Psicologia. Conforme Bock (1999), ao discorrer sobre o compromisso social, a psicologia deve ser promotora de transformações sociais mudando as condições de vida da população brasileira, sendo preciso sair de uma visão médica de fazer Psicologia, evitando enxergar o sujeito a partir da doença e sim pensando nele a partir do contexto em que está inserido. Portanto, considerando, por um lado, a afetividade como aspecto essencial na vida das pessoas, tanto em relação a si próprias quanto nas relações sociais e coletivas que estabelecem e, considerando, por outro lado, a vida das pessoas em situação de rua muitas vezes visibilizadas socialmente apenas no tocante a sua vulnerabilidade e sob o ponto de vista dos outros, apresento o questionamento que orientou esse estudo: Qual a percepção das próprias pessoas em situação de rua sobre a afetividade vivenciada no contexto da rua?

Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo compreender como as pessoas em situação de rua vivenciavam a afetividade em seu cotidiano, com destaque as características dos vínculos afetivos que estabeleciam em seu cotidiano, às suas concepções sobre afetividade e as decorrências da afetividade em suas vidas, conforme seus pontos de vista. Estes foram buscados mediante observações participantes realizadas nas ruas do Centro de Florianópolis e no Instituto Arco Iris, entrevistas semiestruturadas e registros no diário de campo, conforme será descrito no próximo tópico.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa esteve pautada nos cuidados éticos necessários a partir das Resoluções nº 466/12 nº 510/16, sendo aprovada pelo Comitê de Ética de em Pesquisa (CEP) sob nº 17256019.5.0000.536. Caracterizou-se como exploratória, sendo a sua natureza qualitativa com corte transversal, pois buscou compreender a percepção dos sujeitos acerca de um determinado fenômeno em um dado momento histórico, sendo uma realidade que não poderia ser quantificada (MINAYO, 1997). Como delineamento foi utilizado o estudo de campo, o que garante o contato direto com a situação a ser estudada, nesse caso, a percepção de pessoas em situação de rua sobre a afetividade vivenciada em seu dia a dia. Sendo assim, tornou-se necessário estar presente no dia a dia dessas pessoas para compreender assim o contexto em que estão inseridos. Conforme Sicari (2018), a criação de vínculos entre pesquisador e pesquisado é fundamental para a construção de informação.

Para construção de vínculos, afetos e trocas com as/os participantes, o pesquisador realizou a observação participante, frequentando atividades, apresentações e eventos relacionado a pessoas em situação de rua, acompanhado de uma colega pesquisadora, que esteve presente durante todo o percurso da pesquisa de campo. Essa etapa teve duração de dois meses, com idas a campo três vezes por semana. As experiências vivenciadas por parte do pesquisador, suas percepções e afetos, foram registrados em diário de campo. Durante as idas a campo, o pesquisador teve contato com diversas pessoas que estão em situação de rua ou tiveram trajetória de rua, todas as vivências no campo e conversas informais foram registradas no diário de campo do pesquisador. Foram gravadas também três entrevistas semiestruturadas com duração média de 30 minutos.

Destaca-se que a inserção no contexto da rua iniciou através do Instituto Arco Íris, onde o pesquisador ficou no período da tarde, duas vezes por semana, circulando pelo espaço, conversando com os usuários que eram majoritariamente pessoas em situação de rua e após alguns encontros o pesquisador passou a frequentar a Praça XV de Novembro localizada no Centro de Florianópolis. O Instituto Arco Iris é uma instituição de Direitos Humanos, atuando desde 1997 na prevenção das infecções de transmissão sexual (IST), na redução de danos associados ao uso de drogas lícitas e ilícitas e na luta pelos direitos junto a populações em situação de vulnerabilidade e exclusão social^{IV}. O local oferece oficinas de artesanato, informática, redução de danos e roda de conversas para mulheres e homens sobre diversos temas.

^{IV} FONTE: <https://institutoarcoirisdh.wordpress.com/historico/>

As interlocutoras (res) que participaram das entrevistas foram duas mulheres, Débora (21 anos) e Patrícia (33 anos) e um homem, Gaúcho (55 anos). Débora e Patrícia optaram por manter o seu próprio nome. Conforme Sicari (2018), utilizar o nome verdadeiro “faz parte de um processo de visibilidade social, de comprovação para uma parcela da sociedade que são pessoas que não precisam se esconder por se encontrarem em situação de rua.”

As pessoas em situação de rua que o pesquisador teve contato, em sua maior parte, frequentavam assiduamente as oficinas do Instituto Arco Íris. Débora estava presente em todos os momentos, a interlocutora é de Porto Alegre e veio para Florianópolis há 7 meses após descobrir que estava grávida. Débora relatou que está em situação de rua faz 10 anos e atualmente dorme em uma casa de acolhimento, o ABA, onde tem direito a ficar apenas no período noturno.

O contato com Patrícia se deu a partir de um interesse por ser entrevistada, revelado a uma colega pesquisadora que também realizava uma pesquisa no local. Patrícia veio da Bahia faz 3 meses e desde então está em situação de rua em Florianópolis. A interlocutora também frequenta o Instituto Arco Íris, principalmente a oficina de informática, que torna possível manter contato com a sua família na Bahia, que ainda não sabe a situação de rua que ela está vivenciando.

O terceiro interlocutor que participou da entrevista, Gaúcho, esteve por 10 anos em situação de rua e atualmente tem sua moradia. O pesquisador já havia conhecido em 2018, durante o estágio básico em Psicologia Social, o que facilitou o convite. O interlocutor, assim como Débora, faz parte do Movimento Nacional da População de Rua de SC e também frequenta o Instituto Arco Íris semanalmente.

É importante ressaltar que existe outro interlocutor importante para a construção dessa pesquisa. O líder do Movimento Nacional da População de Rua de SC se fez presente em diversos momentos em que o pesquisador estava em campo. O primeiro contato que o pesquisador teve com ele foi em uma reunião do Movimento em 2018, onde o seu discurso aumentou o desejo do pesquisador em estar junto a essas pessoas durante a graduação e na futura vida profissional. Conforme cito diário de campo “lembro-me em 2018, quando ele discursava sobre os direitos das pessoas citando a população LGBT, o que me afetou muito na época, pois naquele momento soube que eu seria aceito naquele local, por aquelas pessoas por ser quem eu sou.” Ele havia sinalizado ao pesquisador que gostaria de participar das entrevistas. Antes de conseguirmos agendar a entrevista, entretanto, de forma inesperada, ele foi preso devido a um processo de 5 anos atrás que estava prestes a ser arquivado.

Com a pesquisa de campo concluída, o procedimento escolhido para a análise dos achados foi a análise compreensiva baseada no referencial teórico utilizado na pesquisada e nas informações advindas do campo. Assim, a partir das relações entre as informações provenientes do campo, do referencial teórico e dos objetivos da pesquisa, foram definidas as categorias de análise: “afetividade”, “vínculos afetivos” e “decorrências da afetividade”, que serão apresentadas a seguir.

3 ANÁLISE

3.1 “A PAZ É ENCONTRADA EM MEIO AO CAOS, O CAOS DA RUA”: OS VINCULOS AFETIVOS VIVENCIADOS NA RUA.

A afetividade está presente nas interações sociais que as pessoas mantêm em seu cotidiano. Lane (1981), ressalta que o ser humano ao nascer está inserido em um contexto histórico e que precisa de outras pessoas para sobreviver, sendo toda a vida do sujeito mediada por participações em grupos que são necessários para a sua sobrevivência. Ainda segundo a autora (1984), o grupo tem uma função histórica em manter ou transformar as relações sociais:

- 1) o significado da existência e da ação grupal só pode ser encontrado dentro de uma perspectiva histórica que considere a sua inserção na sociedade, com suas determinações econômicas, institucionais e ideológicas;
- 2) o próprio grupo só poderá ser conhecido enquanto um processo histórico, e neste sentido talvez fosse mais correto falarmos em processo grupal em vez de grupo. (Lane, 1984, p. 81).

Com isso, pode-se perceber a importância de pensar o sujeito e a afetividade a partir das relações sociais. Brandão (2010), ao falar de uma afetividade ética e política, ressalta que esta seria inconcebível sem a presença do outro, salientando assim a importância dos espaços sociais, para que possa ocorrer a convivência entre as pessoas, possibilitando a construção subjetiva, fortalecimento da singularidade e de sociabilidade.

Quando as pessoas se remetem a falar de pessoas em situação de rua, um dos aspectos que preconiza a fala é a ideia de total rompimento dos vínculos afetivos, sejam eles familiares ou de amizade, entretanto, pode-se perceber a partir da observação participante e das entrevistas

que os interlocutores participantes dessa pesquisa mantêm com os seus familiares e possuem vínculos de amizade em seu dia a dia, como podemos observar nas falas abaixo:

“eu to no vínculo com o pessoal das instituições, associações, moradores de rua também que eu tenho que ter um afetivo e tem também os professores, os alunos também que sempre conversa e interage com a gente como vocês... pessoal da pedagogia, estudo, faculdades e isso ta sendo legal pra mim [...] É eu geralmente converso com a minha irmã... Eu tenho mais afetividade com a minha família” (Patrícia)

“Eu me relaciono com diversas pessoas né, eu faço um... um curso no CIC, a oficina da palavra, com o professor Jairo Schmidt, sobre literatura né, diferentes tipos de escritas né, então isso, é uma forma de eu me relacionar também com parte da sociedade digamos organizada e as pessoas da rua, do arco íris, me relaciono com todo tudo de pessoa, meu círculo de amizade é bem amplo.” (Gaúcho)

“Morador de rua todo dia, mas também o pessoal aqui de dentro do arco íris, os psicólogos que sempre me acompanhando, meus amigos, minhas amigas... Acho que a minha família é isso, é mais a população de rua do que minha própria família que tá em Porto Alegre.” (Débora)

Ao falar de pessoas em situação de rua, uma das principais definições que aparecem na literatura é o rompimento ou enfraquecimento dos vínculos sociais. (PRATES, & MACHADO, 2011, CUNHA et. al, 2017). É importante ressaltar, que pode-se perceber pela fala dos interlocutores, que todos mantêm relações tanto com pessoas que estão em situação de rua quanto com pessoas que não se encontram nessa condição, ao contrário do que se pensa no imaginário social ou em alguns estudos (FREITAS, 2018) sobre essa população.

Para compreender mais acerca do cotidiano das pessoas em situação de rua, foi perguntado aos interlocutores o que fazem juntos com as pessoas que se relacionam, eles relatam:

“a gente participa de projeto, a gente dorme junto, a gente acorda junto, a gente toma café junto porque até então eu não tenho casa, eu fico num albergue, o ABA, eu não sei se é um albergue o ABA ou se é uma casa de passagem apesar de que eu vejo pessoas lá morando há 10 anos, é uma casa. Mas tipo é isso, a minha relação é aquela coisa né, boa noite, ta dormindo com várias mana junto, bom dia e várias mana acordando contigo [...]” (Débora),

“A gente participa de oficinas aqui no arco íris, a gente as vezes vai a festas, as vezes para aniversário, as vezes para um show de futebol, as vezes para atividades culturais gratuitas, existem, as vezes se alimenta junto, muitas vezes dorme também em locais onde a gente tem mais afinidade com outras pessoas, não fazendo diferença de grupos, mas a gente sempre tem mais afinidade com um tipo de pessoa, então na verdade é todo tipo de relação, uma relação como qualquer outras pessoas, só que a diferença é que a maioria das pessoas não dorme na rua e isso não impede de eu ter um, uma relação rica, de trocas e de valores.” (Gaúcho)

“eu tava conversando bastante com muitas pessoas, converso bastante que se fosse por mim eu ajudaria muita gente, mas em si hoje eu to pensando em mim, que eu tenho que melhorar pra mim, pra depois eu ajudar as pessoas, mas ta no meu objetivo todas as pessoas que eu to me identificando em rua eu pretendo ajudar sim.” (Patrícia).

Conforme Costa (2005), a convivência é mediada pelo compartilhamento de um espaço coletivo, ocorrendo troca de experiências, de problemas e de afetividade, podendo assim construir a sua identidade a partir das relações que estabelece com o outro. Os interlocutores compartilham entre si momentos de interação, seja no local onde moram, seja no local onde participam de oficinas ou até mesmo na rua. Conforme Sawaia (1995), um território pode ser excludente ou um local de identificação entre pares, colaborando para novas formas de sociabilidade que aumentam a potência de ação.

Essa convivência gera a experiência de família, que está presente no discurso de Débora e Patrícia o reconhecimento das pessoas em situação de rua como uma família, conforme as falas:

“[...] acho que a minha família é isso, é mais a população de rua do que minha própria família que ta em Porto Alegre” “a gente acaba se tornando uma família, passar por uma pessoa e não dar um bom dia eu acho que já me sinto mal, porra eu durmo e acordo todo dia com a mesma pessoa, não na mesma cama, mas a gente se vê toda hora, não tem como tu não ter esse vínculo.” (Débora)

“é o sentimento a gente acaba tendo um vínculo de família, de irmão, de cuidado, né, então isso é muito importante pra mim, eu não tenho minha irmã, não tenho a minha família mas você acaba pegando um vínculo muito grande e isso aí é maravilhoso, isso aí não tem explicação” (Patrícia)

. De acordo com Costa (2005), existe um comprometimento na vida das pessoas principalmente em sua saúde mental quando ocorre a perda de laços afetivos e comunitários. Dessa forma, ainda conforme a autora supracitada, as pessoas em situação de rua encontram como estratégia a construção de novos vínculos para garantir a condição de convivência. Sendo assim, pode-se perceber que existe a construção de novos vínculos, sendo fundamental em seu dia a dia, uma vez que ocupam um lugar de família gerando experiências de pertencimento.

Foi questionado aos interlocutores se eles identificam alguma relação como positiva e todos apontaram que sim conforme as falas: *“os amigos né, que eu tenho feito isso de fato é hiper positivo.”* disse Gaúcho. Com relação a Débora e Patrícia, as mesmas responderam:

“acho que esse afeto que a gente tem um pelo outro, a importância de enxergar que o outro existe. A importância de tu saber que a pessoa existe, sabe acho que isso, de tu não passa reto, a pessoa quer ser reconhecida.” (Débora)

“[...] é tipo uma irmã que eu não to tendo... Uma mãe que eu não to tendo... Uma tia, enfim, é essa relação de família que eu to longe delas e eu não to tendo e eles tem comigo, tipo, se eu to passando mal e eles me apoia, remédio, aonde o ABA, aonde várias casas de apoio que bloqueia a gente com isso eles vão lá e ajuda a gente [...] (Patrícia)

Apesar da boa relação que as pessoas em situação de rua mantém uma com as outras e até mesmo com pessoas que não estão nessa condição, também existem as violências que eles sofrem. É importante ressaltar na fala de Patrícia, o cuidado que as pessoas em situação de rua recebem enquanto grupo e como, segundo ela, as instituições, como as casas de apoio, não conseguem ajudá-los. Segundo Costa (2005), os trabalhadores de instituições como por exemplo casas de convivência, exercem um papel fundamental de acolhimento que pode colaborar no desenvolvimento de projetos individuais e coletivos. Entretanto, a partir do relato de Patrícia quando questionada sobre algum exemplo de quando se sentia desmotivada diante das instituições, pode-se perceber que essa não é a realidade presente em seu cotidiano:

*“Ah assim, tiveram vários, mas a gente ouve não so dos moradores de rua, a gente ouve diretamente do diretor, de um monitor, de um funcionário do ABA **que nois não somos nada, que nois somos uma merda**, que tem gente vindo de outro estado para poder fazer besteira aqui e tal que você é isso que você é aquilo então se a pessoa não tem cabeça isso aí desmotiva a gente, a gente entra em droga, depressão e acabou.”*

Ao ser questionada sobre como ela se sentia sobre isso, respondeu:

*“se sente triste porque é uma coisa assim, que dentro do ABA não tem porque isso, não tem necessidade disso, eu não sei porque, eu não sei explicar, eu realmente não sei, mas eu tento me relacionar bastante com eles ne, agir como eles agem com a gente, a gente age com eles de uma forma, mas eles querem jogar mesmo na gente, **que a gente não presta, que a gente é de rua, que a gente tem que morar na rua mesmo, tem que passar frio**, enfim, então são coisas que ficam muito triste a motivação mas a minha motivação não vai acabar nunca.*

O relato de Patrícia demonstra a violação que sofreu, sendo tratada como um ser humano sem direitos. Agamben, apresenta o conceito de *homo sacer*, uma vida que nada vale, onde qualquer um pode matá-lo sem cometer homicídio, sendo “*a sua inteira existência é reduzida a uma vida nua despojada de todo direito*” (2002, p.189). Pode-se evidenciar como os profissionais que deveriam estar preparados para acolher as pessoas que estão em situação de rua, acabam violando ainda mais os direitos dessas pessoas tratando-as como se elas fossem desprovidas de direitos.

A exclusão social caracteriza-se pela marginalização de alguns grupos e indivíduos diante da sociedade, gerando o seu afastamento, de forma que essa estrutura se agrava diante do modelo político econômico vivenciado. Assim sendo, existem diferentes categorias e processos referentes à exclusão que surgem como um rompimento do vínculo social onde principalmente grupos de minorias sociais (étnicas ou de cor, população LGBT, pessoas em

situação de rua, usuários de drogas e entre outros) sofrem pela privação ficando assim em situação de vulnerabilidade social. (WANDERLEY, 1999)

Não há como negar que a exclusão social perpassa a vida das pessoas que estão em situação de rua, entretanto, cabe a Psicologia ressaltar que a rua não se resume apenas a um espaço onde a desigualdade social fica visível aos nossos olhos e sim também um espaço acolhedor, de paz, conforme Gaúcho, *“a paz é encontrada em meio ao caos, o caos da rua”*. Sendo assim, ampliar as concepções sobre esse espaço em que as pessoas estão inseridas, possibilita não resumir o sujeito a apenas um ser passivo e sim em uma pessoa que a partir da interação com o outro no meio em que convive torna-se protagonista da sua própria vida.

3.2 “A AFETIVIDADE É UMA COISA QUE UNE”: PERCEPÇÃO DE PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA SOBRE A AFETIVIDADE

“[...] através dessas ações do movimento e do viver na rua a gente consegue descobrir a riqueza que todos tem, independente se é preto, alto, bonito, feio, tem dinheiro ou não tem dinheiro, isso é uma, uma interdependência, não tem nenhuma relação de superioridade quem hoje tem um carrão ou dorme num papelão, eu consigo ver essas coisas, a riqueza dessas relações e baseia nisso, de saber que todo mundo tem o seu valor independentemente de como é olhado pela dita sociedade.” (Gaúcho)

Compreender a percepção de pessoas em situação de rua sobre a afetividade vivenciada em seu cotidiano remete a uma discussão ampla que abrange diferentes contextos da vida das pessoas que vivem na rua. A afetividade é fundamental para o desenvolvimento do sujeito, pois durante as relações que o sujeito vai estabelecendo em seu cotidiano, ao mesmo que transforma o meio em que está inserido, também acaba se transformando. Conforme Sawaia (2000 apud KINA 2011):

A afetividade é essencial para o desenvolvimento ético-político do indivíduo, pois é ela quem vai aumentar ou diminuir as possibilidades do indivíduo realizar a sua potência e se expandir. E é a relação com o outro que proporciona ao indivíduo ocasiões em que ele pode afetar e ser afetado, condição única para o desenvolvimento de sua autonomia ou heteronomia. (SAWAIA 2000 APUD KINA, 2011 p.14).

Nesse sentido, as relações afetivas que o sujeito vai estabelecendo durante a sua vida são fundamentais para a sua constituição. Nessas relações, o sujeito pode afetar e ser afetado, aumentando ou diminuindo a sua potência de agir: conforme Spinoza (2007 p. 25) *“por afeto (affectio) compreendo as afecções (affectus) do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, favorecida ou coibida, e, simultaneamente, as ideias dessas afecções”*. Assim sendo, o afeto é o resultado de uma afecção que o corpo sofreu, sendo a sua potência

aumentada ou diminuída, sendo assim, nessa relação do corpo afetar e ser afetado, ele também detém estas modificações na forma de sentimentos e emoções que podem fortalecer ou diminuir a nossa vitalidade. A potência é o poder de afetar e ser afetado e também a capacidade de compreender a natureza desta afecção, somos “ativos quando somos causa adequada do nosso pensamento e das nossas ações cotidianas [...] somos passivos, ou padecemos, quando o que nos ocorre não é totalmente compreendido por nós [...]” (BRANDÃO, 2010, p. 109), dessa forma, quanto mais nos afetamos e conhecemos racionalmente o mundo, mais potentes seremos.

Vigotski (1934-1896), inspirado na teoria de Espinosa e de Marx, contribuiu para a construção de uma nova base epistemológica embasado no materialismo histórico e dialético, sendo a sua porta de entrada na Psicologia pelo estudo da emoção. O autor, entende o ser humano como um sujeito histórico, pois ao transformar a natureza, ele se transforma desenvolvendo o seu psiquismo. (LANE; CAMARGO, 1995)

Segundo Veloso (2015), para Vigotski, a emoção é fundamental para compreender o sujeito uma vez que por vezes a psicologia ao descartar os afetos acaba se afastando do homem e dos nexos entre as funções psicológicas visto que as emoções e sentimentos estão ligados ao pensamento humano. Em seu livro *Pensamento e Linguagem* (2005), Vigotski discorre sobre a importância das emoções para constituição do pensamento:

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último “por que” de nossa análise do pensamento. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva. (VIGOTSKI, 2005)

Nesse sentido, conforme Veloso (2015), pode-se perceber que tanto para Vigotski quanto para Espinosa, os afetos são essenciais para a constituição da subjetividade humana, eles são ativos nos pensamentos e ações do ser humano, pois:

toda emoção é um chamamento para a ação ou uma renúncia a ela. Nenhum sentimento pode permanecer indiferente e infrutífero no comportamento. As emoções são esse organizador interno das nossas reações que retesam, excitam, estimulam ou inibem essas ou aquelas reações. Desse modo, a emoção mantém seu papel de organizador interno do nosso comportamento (VIGOTSKI, 2001)

Sendo assim, foi questionado aos interlocutores dessa pesquisa o que eles compreendiam por afetividade. De forma geral, pode-se perceber que compreendem a afetividade como algo mediado a partir das relações estabelecidas com o outro, conforme

exemplificado em falas como: *“afetividade é né o que a gente sente pelas pessoas, o que a gente sente pelo, pelos locais que a gente vive, afetividade é uma coisa já inata de cada um, é uma coisa que já vem com a pessoa, todo mundo né da afeto e recebe afeto, afetividade é as relações que a gente vivencia o dia inteiro, e muitas vezes as pessoas são carentes e se perdem porque se isolam e a afetividade é uma coisa que une, é isso [...] afetividade é tudo porque os afetos são o que alimentam, com que a gente possa criar forças aí pra seguir em frente”* (Gaúcho). Para Patrícia, de modo similar, afetividade é *“essa troca de sentimento a gente tem que ter, nós somos seres humanos, eu tenho que me amar primeiro pra depois amar eles, mas acima de tudo a gente tem que valorizar cada uma pessoa”*. Já segundo Débora, afetividade trata-se de: *“acolhimento* (Débora). Dessa forma, o afeto é a maneira na qual experienciamos em nossa mente e corpo o efeito das relações que estabelecemos com outros corpos sendo fundamentais para a nossa constituição. (SAWAIA 1999)

Durante a observação participante realizada, foi possível identificar o acolhimento que as pessoas em situação de rua tem consigo mesmo e com pessoas externas. Nesse sentido, a fala dos interlocutores acerca da afetividade estão presentes em seus cotidianos uma vez que o afeto transmitido durante as relações presente nos seus dias, demonstram um cuidado e respeito com o próximo. Na entrevista realizada pelo pesquisador, foi possível identificar as trocas afetivas a partir do cuidado e acolhimento com o outro nas falas a seguir:

“cara, tem uma menina que lá no ABA, C. o nome dela, ela sofre de bipolaridade e ela tem transtorno porque ela é meio autista e eu percebi que ela era muito agressiva no primeiro dia, ela tem alguma coisa de diferente dentro dela, ela é um ser e eu acho que eu quebrei essa barreira né... Ela tava muito estressada, mas eu falei com ela, “poxa mana, não quer ir lá pra igreja dormir com nós? Vai pra lá” e ela foi pra lá, eu ajeitei a cama dela, ajudei ela, ta ligado? De manhã, dei uma roupa pra ela, ela se sentiu confortável, ela deu até um presentinho pra Solara sabe tipo... Ela me mostrou ser uma pessoa totalmente diferente sabe, aquela pedra bruta realmente tem um brilho e isso é quebrar barreira sabe e isso é quebrar barreiras.” (Débora)

“eu sou muito de acolher todo mundo que chega sabe, o que eu não tive de acolhimento eu acolho hoje as pessoas. Eu transmito o que eu não tive na rua, por mais que tu encontra muito mais isso na rua, do que dentro de casa”. (Débora)

“eu tanto fiz como recebi coisas importantes também... Amizade, as vezes o lamento, as vezes não, tanta pessoa alterada por uso álcool e de outras coisas e saber compreender e saber que todas as pessoas são passíveis de ter seus desequilíbrios porque a sociedade querendo ou não querendo ela tem um desequilíbrio, tem gente que gosta de ficar no glamour dizendo que ta tudo certo, mas não ta tudo certo, todo mundo tem as suas demandas, tem os seus problemas psicológicos, seus problemas financeiros, seus problemas afetivos e ao me relacionar com essas pessoas das mais diferentes formas a gente vê que ninguém é uma ilha, todo mundo necessita de um ou de outro [...]” (Gaúcho)

Desde o primeiro contato com o campo, pode-se perceber que o acolhimento ao próximo, seja essa pessoa em situação de rua ou não, é algo presente no cotidiano para os interlocutores. Segundo o Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, acolhimento significa: **“ato ou efeito de acolher; acolhida, acolho, guarida, lugar onde se encontra amparo, proteção; refúgio”**. Com isso, fica evidente que ao estarem acolhendo uns aos outros, criam espaços de trocas de vínculos afetivos que são potencializadores para eles. Sendo assim, compreender a importância dos afetos para os sujeitos é fundamental para entender como as pessoas se constituem a partir das interações sociais com o meio em que estão inseridos, pois fazemos parte de um contexto histórico desde o momento em que nascemos e desenvolvemos nossa individualidade durante a interação do viver em grupos. (LANE, 1981)

3.3 DECORRÊNCIAS DA AFETIVIDADE

A interação social entre as pessoas é fundamental para sua constituição uma vez que a perda dos laços afetivos e comunitários compromete a vida do sujeito. Sendo assim, os espaços que possibilitem as trocas afetivas e a convivência para pessoas em situação de rua são de suma importância, pois a partir dos bons encontros nesses espaços, pode-se potencializar o *conatus*.

As interações que os sujeitos têm em seu dia a dia, onde está presente a afetividade, influenciam em sua constituição. Nesse sentido, esses encontros de afetação são fundamentais para a expansão do sujeito. O *conatus* - essência do corpo e da alma - é uma potência natural de autopreservação, que todos os indivíduos possuem, no corpo se chama apetite, e na alma, desejo. Somos definidos pela intensidade da nossa força para existir, que pode ora ser aumentada pelos bons encontros, ora diminuída pelos maus encontros (CHAUÍ, 1993). Conforme Sawaia (2009), Espinosa ressalta que preservar a própria existência vai além de se manter vivo, sendo a expansão da mente e do corpo em busca da liberdade e felicidade que se fazem tão necessárias quanto a alimentação, os abrigos e a procriação.

Quando a nossa potência é aumentada a partir de um afeto, experimentamos alegria, pois nosso *conatus* se fortalece, ou seja, quanto mais alegria sentimos temos mais expansão do *conatus*. Por outro lado, quando a nossa potência é diminuída, vivenciamos a tristeza e quanto mais a sentimos, mais diminuição do *conatus*. (BRANDÃO, 2010). Nesse sentido, Sawaia (2009) explica em seu estudo que a alegria é um sentimento que vivenciamos quando estamos com a nossa capacidade de existir aumentada e que a tristeza, sendo uma afecção, nos leva a diminuição da nossa capacidade de existir e nos tornamos passivos.

Os interlocutores Patrícia e Gaúcho, ao serem questionados sobre os efeitos das relações afetivas que mantêm em seu dia a dia, responderam que estão escrevendo um livro para compartilhar as suas experiências diárias: *“eu ando escrevendo sobre isso e eu quero com certeza tá passando isso p todas as pessoas, não só com os moradores de rua, mas as outras pessoas né do dia a dia aí de Floripa.”* (Patrícia). Com relação a Gaúcho, ao solicitar para que contasse um pouco mais sobre o que está escrevendo o mesmo respondeu:

“são coisas soltas ne, as vivencias que eu tenho a visão que eu tenho de mundo né, as pessoas as quais eu relaciono, as relações, amorosas, as relações conflitantes, as relações de resistência, por luta por direitos, as coisas que eu vejo né no capitalismo no qual eu não concordo, [...], então é esse tipo de coisa, o dia a dia que vivo, que eu enxergo o mundo e especialmente as coisas que acontece na minha volta, isso são as coisas as quais eu escrevo.”

É importante ressaltar que no discurso de gaúcho ele relata que escreve sobre as suas relações de resistência e de luta por direitos, assim como Débora, que ao ser questionada se já havia realizado algo importante para as pessoas que mantêm trocas afetivas em seu dia a dia, respondeu: *“eu acho que a minha luta por direitos todos dias, isso é uma coisa boa porque eu posso sair da tua qualquer dia e eu vou sair da rua, eu tô grávida e eu não vou ter a Solara na rua, mas eu luto hoje pra ter continuidade né os benefícios pra essas pessoas.”* A resistência e luta por direitos é algo presente no cotidiano das pessoas em situação de rua, onde juntos, buscam por uma garantia de direitos. Conforme Espinosa:

Se duas pessoas concordam entre si e unem as suas forças, terão mais poder conjuntamente e, conseqüentemente, um direito superior sobre a Natureza que cada uma delas não possui sozinha e, quanto mais numerosos forem os homens que tenham posto as suas forças em comum, mais direito terão eles todos (ESPINOSA, 1983, p. 310).

Vale ressaltar, que em todos os encontros realizados na pesquisa, sempre esteve presente os assuntos relacionados a reivindicações de direitos, a participação e organizações de manifestações a partir das pessoas em situação de rua. No segundo dia de ida ao campo, o pesquisador participou da reunião sobre o evento que estavam preparando em prol Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua, que surgiu após a chacina na praça da Sé em São Paulo, onde sete pessoas em situação de rua foram brutalmente assassinadas. Foi possível evidenciar que um dos aspectos essenciais ao trabalhar com pessoas em situação de rua é reconhecer a autonomia e protagonismo deles em seu dia a dia, conforme cito diário de campo:

O evento aconteceu no dia 17/08, foi organizado pelas próprias pessoas em situação de rua e contou com a participação tanto de órgãos públicos como também de entidades religiosas. É importante ressaltar o protagonismo das pessoas em situação de rua na organização dos eventos relacionados a elas mesmas. Um dos maiores aprendizados que tive inserido nesse contexto foi de que não se deve fazer **nada sobre eles sem eles**.

Durante o tempo que o pesquisador passou no campo, as pessoas em situação de rua junto a alguns profissionais do Instituto Arco íris estavam ensaiando para apresentar um teatro intitulado “A Saga por um Banho”, que narra um dia na vida de um peregrino. O evento foi um dos últimos contatos que o pesquisador teve antes de finalizar a sua pesquisa de campo e foi fundamental para pudesse perceber o quão potentes, ativas e empoderadas elas eram.

A partir desses dois relatos supracitados, pode-se perceber que os bons encontros ocorrem quando duas pessoas ou mais, no seu encontro, se compõem um ao outro aumentando a sua potência de ação levando-os a sentirem afetos de alegria ampliando a sua capacidade de ação e de pensar individualmente e coletivamente, transformando a força do *conatus* se transforma em autonomia e liberdade. (Musha e Berezoschi, 2018)

Ademais, é importante ressaltar a importância da afetividade e da potência de ação ao estudar sobre a exclusão social a fim de superar a ideia de um sujeito reduzido apenas as suas necessidades biológicas. Conforme Sawaia (1999), “corpo é matéria biológica, emocional e social, tanto que sua morte não é só biológica, falência dos órgãos, mas social e ética”. Sendo assim, ainda conforme a autora supracitada, para as pessoas em situação de rua não se trata de qualquer busca por sobrevivência, mas sim de uma sobrevivência com reconhecimento e dignidade, pois *“por trás da desigualdade social há sofrimento, medo, humilhação, mas há também o extraordinário milagre humano da vontade de ser feliz e de recomeçar onde qualquer esperança parece morta.* (Sawaia, 2009 p.1)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou compreender sobre o cotidiano de pessoas em situação de rua, ampliando a discussão para outros aspectos relacionados a vida desses sujeitos a partir do ponto de vista dos próprios sujeitos. Assim sendo, conforme Sawaia (2009 p. 1), “a Psicologia tem o dever de resguardar essa dimensão humana nas análises e intervenções sociais, desmentindo as clássicas imagens dos desvalidos contentando-se em se conservarem vivos.”

A partir dos dados de análise, a afetividade para pessoas em situação de rua aparece como fator presente em seu cotidiano mediado pela interação social com o outro. Pode-se perceber que o cuidado com o outro, o respeito, ajudar e amar o próximo surgiu nas falas dos interlocutores caracterizando o sentido de afetividade. Os interlocutores da pesquisa trazem a afetividade como algo potencializador e necessário para as pessoas durante o seu cotidiano.

Este estudo teve inspiração etnográfica como caminho metodológico principal já que “trata-se de pesquisar no cotidiano; no fluxo dos acontecimentos.” (SPINK, p. 21, 2014). A etnografia é base de diversos estudos da Psicologia Social e apresenta-se como uma metodologia de suma importância, abordando “universos simbólicos distintos, considerando-se seus contextos de produção histórica e social.” (ZANELLA ET AL, p.21, 2006). Os procedimentos adotados para a coleta de dados, observação participante, diário de campo e entrevistas semiestruturadas foram fundamentais para que fosse possível atingir os objetivos do estudo. Assim, pode-se perceber que a presente pesquisa só foi possível de acontecer a partir do percurso metodológico trilhado, pois estar presente no cotidiano das pessoas em situação de rua, criar vínculos e afetos foram fundamentais para que fosse possível ter uma compreensão sobre a realidade que o pesquisador pretendia pesquisar.

Apesar do pesquisador já ter tido contato anteriormente com pessoas em situação de rua e ter estudado sobre a temática, foi possível perceber que ao adentrar o campo, surge um novo mundo de possibilidades e acontecimentos onde novos desafios de desconstrução surgem para o pesquisador. Um exemplo disso foi quando o pesquisador foi alertado sobre um surto de escabiose que estava tendo no local. Conforme diário de campo: “*nesse momento o medo me consumiu por inteiro, senti minha pele começar a coçar minutos depois dela ter falado isso. O medo foi tanto que acabei indo embora junto com a minha amiga.*”. Com o passar de alguns dias, o pesquisador refletiu sobre *esse fato, questionou a si mesmo o porquê de ter ficado tão assustado: consegui refletir que fiquei tão preocupado com esta doença por ela ter sido associada as pessoas em situação de rua, mesmo após tanto estudo, desconstruções, ainda tinha em meu imaginário muitos preconceitos.*

Durante as idas a campo, o pesquisador vivenciou diversos fatos que poderiam ter sido discutidos no artigo, entretanto, não foi possível devido as limitações de tempo e escopo dessa pesquisa. Cabe ressaltar, que o pesquisador teve o compromisso de priorizar as falas que os interlocutores trouxeram como importantes para eles e que gostariam que aparecesse no estudo. Ademais, é necessário que existam novos estudos que busquem compreender o cotidiano de pessoas em situação ampliando o debate acerca dessa população. Destaco aqui, a conversa que o pesquisador teve com o líder do Movimento das Pessoas em Situação de Rua a fim de subsidiar novas pesquisas:

durante a conversa apresentamos a nossa pesquisa ele começou a falar que não entendia porque nós estudantes sempre queríamos ficar focado nas pessoas em situação de rua, na rua e não nas pessoas que deixaram de estar em situação de rua, pois ninguém quer saber como conseguiram, como conseguem se manter sem apoio do Estado e como batalham para conseguir sobreviver. O líder do movimento falou também sobre os pesquisadores quererem estar na rua entrevistando e nunca pensarem em visitar a casa de quem deixou de estar em situação de rua, conhecer o local onde moram, tomar um café.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer - o Poder Soberano e a Vida Nua I**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

ALCANTARA, S. C., ABREU, D. P., & FARIAS, A. A. (2015). Pessoas em situação de rua: das trajetórias de exclusão social aos processos emancipatórios de formação de consciência, identidade e sentimento de pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, 24(1), 129-143. doi:10.15446/rcp.v24n1.40659 Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rcps/v24n1/v24n1a09.pdf> Acessado em 02 de nov. 2019.

BARBOSA, O. C; CASTANHO, M. I. S. Educadores de museu: a produção de sentidos acerca de uma experiência extramuros. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del- Rei , v. 11, n. 2, p. 369-387, dez. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 18 jun. 2019.

BRANDÃO, I. R.. **Afetividade e transformação social: Sentido e potência dos afetos na construção do processo emancipatório**. Sobral, Ce: Edições Universitárias: Universidade Estadual do Vale do Aracajú, 2010.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. "Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 2009.

BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 4, n. 2, p. 315-329, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1999000200008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 de nov. 2019.

CHAUÍ, M. **Ser Parte e Ter Parte: Servidão e Liberdade na Ética V**. Discurso, [s.l.], n. 22, p.63-122, 9 dez. 1993.

CNS. RESOLUÇÃO No 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html> Acessado em: 6 mai. 19.

CNS. RESOLUÇÃO Nº 510, DE 07 DE ABRIL DE 2016. Disponível em:
<<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acessado em 6 mai. 19.

COSTA, A. P. M. População em situação de rua: contextualização e caracterização. **Textos & Contextos (porto Alegre)**, [s.l.], v. 4, n. 1, p.1-15, dez. 2005. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1677-9509>. Disponível em:
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/993/773>>. Acessado em: 12 jun. 2019.

CUNHA, J. G da et al. Novos arranjos: lançando um olhar sobre os relacionamentos interpessoais de pessoas em situação de rua. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 95-108, jun. 2017. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 20 nov. 2019.

ESPINOSA, B. Correspondência. In: **Espinosa**. Tradução de Marilena de Sousa Chauí. Abril Cultural, 1983. (Col. Os Pensadores).

FREITAS, L. A. **Sentidos Atribuídos À Felicidade Por Pessoas Em Situação De Rua**. Trabalho De Conclusão De Curso – TCC (Curso de Psicologia – Graduação). Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

ICOM - Instituto Comunitário Grande Florianópolis; MNPR-SC - Movimento da População em Situação de Rua de Santa Catarina. **Diagnóstico Social Participativo da População em Situação de Rua na Grande Florianópolis**. Florianópolis, SC. 2017

IPEA (2016): **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Disponível em:
<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7289/1/td_2246.pdf>. Acessado em 10 de abr 2019.

KINA, D. J. **A afetividade nos processos de transformação: Uma reflexão sobre a relação entre profissionais e usuários do serviço de atenção a violência**. 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/16959> Acessado em: 05 de jun 2019.

LANE, S. T. M. (1984). O processo grupal. In S. T. M. Lane & W. Codo (Eds.), **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense.

LANE, S. T. M. (1981). **O que é Psicologia Social: Vol. 39. Primeiros Passos**. São Paulo, SP: Brasiliense.

LANE, S. T. M., & CAMARGO, D. (1995). Contribuições de Vigotski para o estudo das emoções. In S. T. M. Lane, & B. B. Sawaiá. **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: EDUC/Brasiliense.

LEMÕES, T. (2014). A corporificação do sofrimento e o trânsito entre vítima e algoz: novas reflexões a partir de etnografias com população em situação de rua. **Cadernos do Lepaarq**, 11(21), 45-61. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/3155> Acessado em: 18 jun. 2019.

MEYER, D. E., et al. Vulnerabilidade, gênero e políticas sociais: a feminização da inclusão social. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 22, n. 3, p. 885-904, set. 2014. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36751/28572>>. Acesso em: 18 jun. 2019. doi:<https://doi.org/10.1590/%x>.

MINAYO, M. C. de S, (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 1997

MUSHA, E. H., BEREZOSCHI, J.. O lugar do singular no comum: experiências afetivas em movimentos sociais. In: SAWAIA, B. (Org.). **Afeto e Comum: reflexões sobre a práxis psicossocial**. Embu das Artes – SP. Alexa Cultural, 2018.

PAIVA, I. K. S. de et al. Direito à saúde da população em situação de rua: reflexões sobre a problemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 21, n. 8, p.2595-2606, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000802595&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 20 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015218.06892015>.

PRATES, J. C., Prates F. C., & Machado S. (2011). Populações em situação de rua: os processos de exclusão e inclusão precária vivenciados por esse segmento. **Temporalis**, 11(22), 191-215. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/8004> Acessado em 02 de nov. 2019.

RAMALDES, H. Q.; AVELLAR, L. Z.; TRISTAO, K. G. Características de Crianças Usuárias de Substâncias Psicoativas Descritas pela Própria Criança. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 32, n. 4, e324220, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000400220&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jun. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e324220>.

SAWAIA, B. B. O calor do lugar: segregação urbana e identidade. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, Fundação Seade, v.9, n.2, abr./jun. 1995. Acesso em: <<http://www4.pucsp.br/nexin/artigos/artigo-o-calor-do-lugar.html>> Acessado em 02 de nov. 2019.

SAWAIA, B. B. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades. In. ACOSTA, A. R. & VITALE, M. A. F. (orgs). **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Cortez/ IEE, 2005.

SAWAIA, B. B (1999). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética da exclusão/inclusão. In B. Sawaia (Org.), **As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 364-372, Dec. 2009.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 19 de jun. de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>

SICARI, A. A. **A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos**. 2018. 237 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Ufsc, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189945> Acessado em: 15 de jun. 2019.

SILVA, M. da C. G. da; LIMA, D. M. de A.. “Eu só quero, eu só queria era poder mudar de vida”: exclusão social e afetividade em adolescentes em situação de rua. **Rev. Humanidades**, Fortaleza - Ce, v. 2, n. 30, p.399-418, dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unifor.br/rh/article/view/4791>>. Acesso em: 02 maio 2019.

SILVA, M. A. I. et al . Vulnerabilidade na saúde do adolescente: questões contemporâneas. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 19, n. 2, p. 619-627, Feb. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000200619&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 18 de Jun. de 2019.
<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014192.22312012>.

SILVA, M. L. L. (2006). **Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 181 1995-2005**. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1763> Acessado em: 02 de jun de 2019.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B.; MÉLLO, R. P.. Vinte e cinco anos nos rastros, trilhas e riscos de produções acadêmicas situadas. In: Spink, Mary Jane Paris.; Brigagão, Jacqueline Isaac Machado; Nascimento Vanda Lúcia Vitoriano do; Cordeiro, Mariana Prioli (Orgs.). **A produção de informação na pesquisa social - compartilhando ferramentas**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2014. p. 14-30. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19103> Acessado em: 27 out. 2019.

SPINOZA, B. de. **Ética. 2ª ed**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007

SOUSA, B.V.O., Maia, M.F.M., Vasconcelos-Raposo, J.J.B., Bem-estar, autoestima e índice de massa corporal de adolescentes. *Motricidade [en linea]* 2012, 8. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273023568135>> ISSN 1646-107X> Acessado em: 18 de Jun. de 2019

SOUZA, T. D.; BERNARDES, A. Da Rua À Internet, Há A Rua: Sociabilidade E Identidade Hip-Hop Na Cidade De Macaé, Rio De Janeiro. **Ra’e Ga**, Curitiba, v. 42, n. 0, p.21-35, dez. 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/viewFile/43970/34122>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

VYGOTSKY, L. S. (2005). **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes (194 páginas) (1ªed. 1987).

VYGOTSKY, L. S. (2001). **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes. (1ªed. 1936).

VELOSO, A. M.. "**Despite the loka life also loves**": affective experience of adolescents on **drug trafficking**. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17090>>. Acessado em 10/04/2019.

WANDERLEY, M. B (1999). Refletindo sobre a noção de exclusão. In B. Sawaia (Org.), **As artimanhas da exclusão – análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes.

ZANELLA, A., V., PENNA S., D. H., AGUIAR, F., MAHEIRIE, K., PRADO F., K., COELHO de S. L., M., CHALFIN C., M., JURACY T., M., SCOTTI, S., Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. **Interações** 2006, XII(22), 11-38 ISSN: 1413-2907. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402202> Acesso: 27 out de 2019.